

Botar ordem ou passar pano? Fraseologia em uso em oito de janeiro de 2023 no Brasil

Botar ordem or passar pano? Phraseology in use on january 8, 2023 in Brazil

Davi Pereira de SOUZA*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)/Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Na realidade brasileira, especialmente nos últimos anos, o cenário político, sobretudo em campanha eleitoral, tem sido marcado por grandes embates e acontecimentos que provocam reações diversas no conjunto da sociedade, como o ocorrido em oito de janeiro de 2023, em Brasília. Ao considerar esse contexto, com foco na linguagem, o presente artigo objetiva analisar a ocorrência de fraseologismos no discurso político brasileiro veiculado no *Twitter*, relativo ao evento em questão. Teoricamente embasado na vertente francesa de Fraseologia (MEJRI, 1997; 2012; 2018), a pesquisa também se ancora nos conceitos de política e discurso político, a partir de Aristóteles (2001), Bobbio, Matteucci, Pasquino (1998), Charaudeau (2006) e Dorna (1995). Com metodologia quali-quantitativa, o trabalho se configura num estudo exploratório e descritivo (GIL, 2017), dividido em etapas que envolvem levantamento bibliográfico, composição da amostra e organização dos dados. Os resultados demonstram a seleção de 50 fraseologismos que apresentam diversidade estrutural e de sentido, constituindo recursos linguístico-expressivos muito úteis aos propósitos comunicativos dos internautas.

PALAVRAS-CHAVE: Política. Discurso político. Fraseologia. Brasil.

ABSTRACT: In the Brazilian reality, especially in recent years, the political scenario, especially in the electoral campaign, has been marked by major clashes and events that provoke different reactions in society as a whole, such as the one that occurred on January 8, 2023, in Brasília. By considering this context, focusing on language, this article aims to analyze the occurrence of phraseologisms in Brazilian political discourse conveyed on *Twitter*, related to the event in

* Mestre em Linguística pela UFPA e doutorando no PPGL/UFPA. Professor EBTT do IFPA, campus de Paragominas/PA. E-mail: davips312@gmail.com

question. Theoretically based on the French strand of Phraseology (MEJRI, 1997; 2012; 2018), the research is also anchored in the concepts of politics and political discourse, from Aristotle (2001), Bobbio, Matteucci, Pasquino (1998), Charaudeau (2006) and Dorna (1995). With a qualitative and quantitative methodology, the work is configured in an exploratory and descriptive study (GIL, 2017), divided into stages that involve bibliographical survey, sample composition and data organization. The results demonstrate the selection of 50 phraseologisms that present structural and meaning diversity, constituting very useful linguistic-expressive resources for the communicative purposes of Internet users.

KEYWORDS: Policy. Political speech. Phraseology. Brazil.

Introdução

Nunca antes na história recente do país os brasileiros se envolveram de forma tão intensa em questões políticas, insuflados por discursos e posturas de políticos e grupos que radicalizaram divergências ideológicas e transformaram a dinâmica eleitoral em um *barril de pólvora*, criando uma atmosfera social altamente polarizada no âmbito da qual somente os extremos parecem ter direito à existência, na negação um do outro, com pouco espaço para posicionamentos que busquem convergências em temas comuns aos interesses dos cidadãos. Nesse cenário, já tensionado em 2018, aprofundado durante o governo Bolsonaro, chegando ao ápice em 2022, uma crítica, por menor que fosse, a um dos principais concorrentes da disputa (Lula e Bolsonaro), passou a significar um alinhamento automático ao opositor, dificultando o debate mais crítico e honesto sobre o conjunto das propostas, visão de país e concepção de desenvolvimento dos grupos liderados por ambos os políticos. Com efeito, em muitas ocasiões, houve maior destaque para o embate em torno de pautas morais e ideológicas, que serviram muito mais para criar espetáculos, lacrações e *jogar para torcida*.

Embora tenham sido desacreditadas pelo então Presidente Bolsonaro e seus apoiadores mais fiéis, que puseram *em xeque* a lisura do processo eleitoral e reivindicaram voto impresso, as urnas eletrônicas deram vitória a Lula, numa disputa acirradíssima, com a promessa de uma reconstrução democrática. Todavia, ainda no primeiro mês de 2023, o Brasil assistiu a um episódio que ficará marcado na história do País, o ato que reuniu milhares de apoiadores bolsonaristas entrando, ocupando e depredando monumentos

históricos e simbólicos dos Poderes da República, em Brasília, numa espécie de réplica da invasão do Capitólio, nos EUA.

Considerando esse contexto e longe de querer apresentar uma análise definitiva da conjuntura política, o presente artigo se volta para o universo da linguagem, particularmente, para o léxico, tendo em vista a estreita relação desse domínio com os acontecimentos no mundo biossocial. Desse modo, o principal objetivo do estudo consiste em analisar a ocorrência de fraseologismos em Língua Portuguesa no discurso político¹ relativo ao fatídico evento de oito de janeiro de 2023, sumariamente delineado.

Em vista disso, a fundamentação teórica adotada segue, no que tange à Fraseologia, a vertente francesa a partir dos trabalhos de Mejri (1997; 2012; 2018) e Gross (1996), que discutem propriedades dos fraseologismos e propõem testes para sua identificação no conjunto dos fatos do léxico, com foco no conceito de *figement*. Em relação aos conceitos de política e discurso político, o artigo se baseia em Aristóteles (2001), Bobbio, Matteucci, Pasquino (1998), Charaudeau (2006) e Dorna (1995).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa pode ser definida como um estudo exploratório e descritivo (GIL, 2017), dividido em três etapas principais. Na primeira etapa, procedeu-se ao levantamento bibliográfico em Língua Portuguesa a respeito do tema em foco. Na segunda etapa, foi realizada a composição da amostra, com seleção de tuítes a respeito do acontecimento político do dia oito de janeiro do corrente ano. Em seguida, passou-se à identificação das unidades fraseológicas mobilizadas pelos internautas ao comentarem o assunto em voga. Por fim, na última etapa, os dados foram organizados em quadros e listas no *Word*, para fins de tratamento e análise de acordo com os critérios sugeridos por Mejri (1997; 2012).

Para fins de organização textual, o artigo está dividido em três seções principais, além da introdução e conclusão. A primeira seção focaliza a fundamentação teórica, apresentando os termos, conceitos e critérios relacionados na pesquisa, como política, discurso político, fraseologia e fraseologismo. A segunda seção descreve os passos metodológicos do trabalho e, por fim, a terceira seção apresenta os resultados e discussão

¹ Essa relação da fraseologia e a política brasileira foi investigada em trabalhos anteriores produzidos pelo autor deste artigo, como a dissertação que apresentou um glossário com fraseologismos usados no discurso político (SOUZA, 2018).

obtidos na análise de aspectos formais, semânticos e relativos ao contexto de uso dos fraseologismos.

1 Léxico, política e fraseologia

A política, no sentido clássico (ARISTÓTELES, 2001), é vista como arte ou ciência do Governo, englobando, na concepção moderna do termo, “toda a atividade ou o conjunto de atividades relacionadas ao Estado.” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998 apud SOUZA, 2018, p. 19). Há quem lhe acrescente ainda a noção de poder, como Weber (2011). Com efeito, como arte ou condição de organização do poder do Estado, atravessa as inúmeras esferas da atividade humana nas quais a linguagem viabiliza a produção de textos para atender às necessidades expressivas da interação social e, como tal, constitui e é constituída pelo discurso que a caracteriza como mobilizadora de sentidos e valores.

Desse modo, a linguagem, principal sistema semiótico desenvolvido pela humanidade, inerentemente variável e gerador de identidades, está na base das relações sociais e de poder, sendo o discurso político considerado o “cimento” da política (DORNA, 1995), o que significa dizer que, sem a linguagem, a política não se sustenta como domínio de ação e de ideias. Assim delineado, o discurso político é atravessado por outros discursos de outras áreas do conhecimento, situando-se no cruzamento de outros domínios, particularmente o direito, as ciências sociais, a economia, a linguística etc. (CHARAUDEAU, 2006).

No universo do discurso cuja materialização é o texto, o léxico compreende o sistema simbólico que mais nitidamente reflete e/ou refrata, no sentido bakhtiniano (BAKHTIN, 1992), as múltiplas experiências e relações políticas que se estabelecem no seio social. Tradicionalmente concebido como conjunto vocabular de uma língua, incluindo unidades mono e polilêxicais de estrutura complexa (BIDERMAN, 2005), o léxico também se reveste de um traço sociocultural e histórico, pois pode codificar a visão de mundo e ideologias presentes nos grupos humanos.

Em seu caráter polilêxical, o léxico reúne um conjunto significativo de unidades que constituem fraseologismos, isto é, sequências de palavras que se fixam sintático e

semanticamente graças à força do uso repetido. Mejri (2012) explica que o surgimento dessas unidades se deve à atuação do processo de *figement* na língua, criando estruturas polilexicais que expressam concretamente o fenômeno *phraseologie*, por meio de sequências sintagmáticas recorrentes. Para o autor, esse processo de cristalização é de natureza linguística e universal, próprio das línguas vivas, atuando nos eixos da diacronia e da sincronia, de forma regular, em todos os níveis linguísticos, ocorrendo independentemente da vontade dos locutores (MEJRI, 2012).

Ao assumir um ponto de vista lexical para abordar o fenômeno fraseológico e a noção de *continuum* para analisar os diferentes níveis de fixidez (morfo)sintática e semântica a que os fraseologismos estão submetidos, Mejri (2012), retomando em parte o trabalho de Gross (1996), propõe alguns critérios para a delimitação e classificação das sequências fixas, a saber: polilexicalidade, fixidez, frequência de uso, congruência, idiomaticidade e previsibilidade sintagmática.

A polilexicalidade é uma característica formal não exclusiva dos fraseologismos, embora todo fraseologismo seja uma unidade polilexical, isto é, formada por mais de uma palavra na cadeia sintagmática. O tamanho da sequência e o grau de coesão interna de seus componentes são variáveis, como ilustram, em Português, os exemplos *pano branco* (infecção na pele causada por fungo), *cair a ficha* e *matar dois coelhos com uma cajadada só*, os quais apresentam graus variados de fixidez.

A respeito da fixidez, Mejri (2012) considera que se trata de uma noção nova para explicar o nível de cristalização das sequências. Uma sequência pode ser totalmente fixa, impedindo alterações em sua estrutura sintagmática e paradigmática, como *pano branco* cujo uso inibe modificações do tipo *brancura do pano (nominalização do adjetivo), *pano muito branco (inserção de advérbios), *pano branco e seco (coordenação de termos), *pano alvo (comutação do adjetivo). Ou também pode ser semifixa, aceitando pequenas transformações morfossintáticas, sugeridas como testes por Gross (1996), como *a ficha caiu* e *cair a ficha* em que o processo de topicalização é possível. A fixidez, portanto, atinge desde o nível morfológico, sobretudo o sintático até o semântico-pragmático, atuando nos planos sintagmático e paradigmático do signo verbal.

Atrelado à fixidez, Mejri (2012) propõe o critério da congruência. Para o autor, trata-se da adequação das unidades sintagmáticas às regras da combinatória cristalizada

pelo uso, que fixa as sequências e o sentido global dos fraseologismos. Por esse critério, pode-se verificar quais construções são congruentes ou incongruentes, desde que se submetam ou não às normas de uso previstas para seu funcionamento nos textos. Dessa maneira, uma sequência como chutar a bola, por exemplo, não encontra nenhum tipo de restrição sintática ou semântica característica dos fraseologismos, podendo sofrer alteração como passivação (A bola foi chutada), pronominalização do sintagma nominal (chutá-la), coordenação de termos (chutar a bola e o brinquedo) etc. Seria, pois, uma unidade incongruente, livre, não estando adequada às regras da cristalização lexical que opera na formação dos fraseologismos. Diferentemente, *chutar o balde*, fraseologismo que significa perder o controle e desistir de tudo, é congruente porque cumpre essas regras, não aceitando modificações estruturais como * O balde foi chutado (passivação), * chutá-lo (pronominalização), * chutar o balde e a panela (coordenação de termos), sob pena de o sentido fraseológico deixar de existir na convenção social de uso.

Como decorrência da frequência de uso, fixidez e do fato de serem bem formados sintaticamente, os fraseologismos também constituem sequências previsíveis, caracterizando o critério da previsibilidade sintagmática. Devido a essa propriedade, o falante/leitor consegue, sem grandes dificuldades, recuperar algum componente ausente, podendo completar a sequência, como no caso de expressões idiomáticas e ditados populares (*A voz do povo... é a voz de Deus; O pior cego é ... aquele que não quer ver*).

Por fim, os fraseologismos também podem ser transparentes ou opacos quanto ao sentido, a depender do grau de idiomaticidade que possuem. Nos mais transparentes, como nas colocações típicas de áreas especializadas (*sintagma nominal, geometria plana*), a idiomaticidade costuma ser mínima, sendo mais presente em unidades opacas, como em expressões idiomáticas (*jantar cedo, lamber botas, sangue de barata*), em que a leitura não é composicional.

Essas são as principais características dos fraseologismos discutidos por Mejri (2012) e servem ao objetivo do presente artigo cuja metodologia é apresentada na seção seguinte.

2 Metodologia

Dividido em três etapas principais, o trabalho se constitui num estudo exploratório e descritivo (GIL, 2017) sobre a ocorrência de fraseologismos em tuítes no contexto sociopolítico recente que ficou marcado na história do Brasil, no dia oito de janeiro de dois mil e vinte e três. A primeira etapa envolveu o levantamento bibliográfico feito na WEB, por meio do qual foram encontrados poucos estudos fraseológicos em Língua Portuguesa acerca do discurso político, menos ainda com *corpus* extraído de redes sociais. Um dos trabalhos é a dissertação de mestrado intitulada *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário* (SOUZA, 2018), defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA (PPGL).

A segunda etapa do estudo consistiu na constituição da amostra. Foram selecionados, inicialmente, 12 tuítes originais e seus principais comentários, no dia 08/01/2023, a respeito da invasão do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto por eleitores e simpatizantes do ex-presidente Bolsonaro. Os 12 tuítes originais foram postados por políticos, jornalistas, comentaristas e demais internautas que costumam discutir política no *Twitter*, atraindo, nos inúmeros comentários, diversas respostas relacionadas ao fato em questão, sendo selecionados apenas os comentários que apresentam a ocorrência de algum fraseologismo pertinente ao tema abordado.

Por fim, na última etapa, a organização dos dados foi feita inicialmente a partir da seleção dos tuítes-comentários diretamente da plataforma do *Twitter* e posteriormente colados na íntegra em colunas de um quadro no *Word*, organizadas de acordo com o nome do comentarista do *post* original. Vale mencionar que a identificação da autoria dos tuítes foi preservada. Depois disso, foram selecionados 50 fraseologismos que compõem a amostra deste trabalho, dispostos alfabeticamente. A análise que se seguiu, sintetizada na próxima seção, levou em consideração aspectos formais, semânticos e referentes ao contexto de uso.

3 Resultados e discussão

A amostra constituída apresenta 50 fraseologismos organizados alfabeticamente no Quadro 01, abaixo:

Quadro 01 – Total de fraseologismos da amostra.

| | | | |
|--|--|--|--------------------------------------|
| baixou a bola | banho de sangue | batendo papo | batom na cueca |
| botar ordem | bunda mole | cabeças [de oficiais da FN e PMDF] ² vão rolar | cair a ficha |
| cair no colo | calou a boca | cantar a bola | chocou o ovo da serpente |
| colocar ordem | colocou [o Dep golpista] no canto [dele] | colocou [o verme] no chinelo | com sangue nos olhos |
| comendo o cu [do Ricardo Barros] com areia | confiar na sorte | criando cobra | dar em merda |
| dar palco em cana | descer o pau | deu uma cortada | deu uma voadora |
| fazer o trabalho sujo | jantou cedo | farinha do mesmo saco | fazem corpo mole |
| lavou minha alma | levar na mão grande | jogava dentro das 4 linhas | lamber botas |
| meu ovo | levar na mão grande | levou na cara | manda recados |
| passando pano | na conta de | não passou a mão na cabeça | não tem um pingo de vergonha na cara |
| sangue de barata | passou vergonha | rainha da porra toda | sair merda |
| tua batata tá assando | soltando fogos | tocaram o terror | tratado a pão de ló |
| | | ver o circo | pegando fogo |

Fonte: Elaboração do autor.

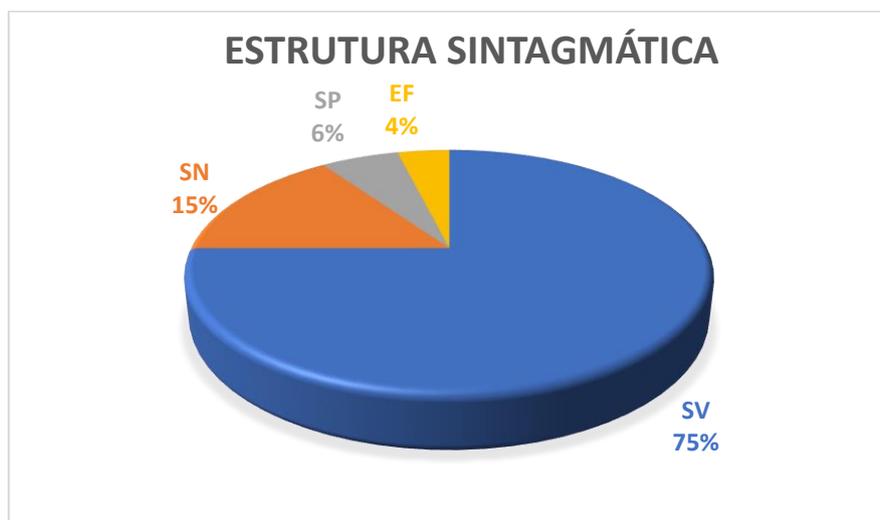
Como se vê, o quadro acima reúne unidades utilizadas frequentemente no uso geral da língua, não sendo específicas do discurso político propriamente. Isso se deve, em grande parte, ao fato de a amostra ter sido coletada no ambiente virtual em que os internautas que tecem comentários sobre diversos assuntos nem sempre são especialistas na área do tema que discutem. Por estar relacionada a todas as formas de organização social e estrutura de poder, a política e o discurso que a constitui são atravessados por inúmeros outros temas e áreas de conhecimento, acolhendo, também, termos e fraseologismos da língua comum, habilmente empregados pelos internautas na produção de sentido em seus textos relativos ao assunto em tela.

² Entre colchetes, estão dispostos elementos variáveis, contextuais, que não constituem exatamente a estrutura fixa ou semifixa do fraseologismo.

Quanto à dimensão formal das sequências, analisaram-se os aspectos da polilexicalidade e da estrutura sintagmática. No primeiro caso, os resultados demonstram, em ordem decrescente de frequência, que as unidades são formadas por: 3 (três) palavras (*baixar a bola, banho de sangue*); 2 (duas) palavras (*bater papo, criar cobra*); 4 (quatro) palavras (*com sangue nos olhos*); 5 (cinco) palavras (*chocar o ovo da serpente*); 6 (seis) palavras (*não passar a mão na cabeça*) e; 8 (oito) palavras (*não ter um pingo de vergonha na cara*). Nessa verificação, contabilizou-se a forma contraída da preposição como uma única palavra. Diferentemente, palavras que não se encontram cristalizadas na estrutura sintagmática de alguns fraseologismos, ocorrendo contextualmente, não foram consideradas no cálculo, como em *cabeças* [de oficiais da FN e PMDF] *vão rolar*, em que a estrutura delimitada por colchetes não integra a forma cristalizada da unidade. De todo modo, evidencia-se o caráter polilexical dos fraseologismos, reafirmando o fato de que a polilexicalidade está para a sequência cristalizada assim como a polissemia está para a monolexicalidade, de acordo com Mejri (1997, 2018).

No segundo caso, relativo ao aspecto sintagmático, obteve-se o seguinte resultado ilustrado no Gráfico 01, a seguir.

Gráfico 01 – Análise da estrutura sintagmática dos fraseologismos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Do ponto de vista da constituição sintagmática, a análise mostrou que a maioria das unidades se organiza estruturalmente sob a forma de sintagma verbal, correspondendo

a 75% do total identificado, representando 37 fraseologismos que apresentam os seguintes padrões: verbo + sintagma nominal (*baixar a bola, bater papo, botar ordem, cair a ficha, calar a boca, cantar a bola, chocar o ovo da serpente, colocar ordem, colocar o [Dep. Golpista] no canto [dele], colocar o verme no chinelo, comer o cu [do Ricardo Barros] com areia, criar cobra, dar palco, dar uma cortada, dar uma voadora, descer o pau, fazer corpo mole, fazer o trabalho sujo, jantar cedo, lamber botas, lavar minha alma, mandar recado, [não] passar a mão na cabeça, [não] ter um pingo de vergonha na cara, passar pano, passar vergonha, sair merda, soltar fogos, tocar o terror, ver o circo pegar fogo*); verbo + sintagma preposicionado (*banho de sangue, batom na cueca, cair no colo, confiar na sorte, dar em merda, levar na mão grande, levar na cara, tratar a pão de ló*) e verbo + sintagma adverbial (*jogar dentro das quatro linhas*).

Já as sequências nominais, que representam 15% do total de unidades, exibem estruturas como: pronome possessivo + nome (*meu ovo*); nome + adjetivo (*bunda mole*) nome + sintagma preposicionado (*banho de sangue, batom na cueca, faca na bota, farinha do mesmo saco, rainha da porra toda, sangue de barata*).

Com 6% de ocorrência, os sintagmas preposicionados contabilizam 3 (três) exemplos com extensão variável. O mais simples apresenta estrutura prep. + sintagma nominal unitário (*em cana*). No nível intermediário, tem-se a unidade *na conta de*, formada por prep. + sintagma nominal + prep. Já o terceiro fraseologismo possui estrutura mais complexa sob a forma de prep. + sintagma nominal unitário + sintagma preposicionado (*com sangue nos olhos*).

Em menor quantidade, os enunciados fraseológicos representam 4% do total de unidades identificadas. Elas são duas ocorrências que constituem frases completas de acordo com o padrão sintático do Português, SVO, como em [Tua] *batata tá assando e Cabeças [de oficiais da FN e PMDF] vão rolar*.

A análise da dimensão morfossintática dos fraseologismos demonstra evidentemente que são unidades da língua caracterizadas por restrições sintático-semânticas pouco usuais ou até mesmo ausentes nas demais sequências livres. Na base desse comportamento diferente estão exatamente a força do uso repetido e a ação do *figement*. No entanto, como os dados também demonstram, a estrutura dos fraseologismos segue, de modo geral, os padrões sintáticos da língua, organizando-se em sintagmas,

orações e textos aceitáveis e congruentes, como já havia sido notado no estudo das frases fixas do francês, no âmbito da Léxico-gramática (MEJRI, 2018).

Em se tratando de fixidez, considerada uma propriedade escalar (MEJRI, 1997), os dados revelam que a maioria das unidades é semifixa, permitindo algumas alterações nos eixos sintagmático e paradigmático, principalmente, nas sequências verbais, em que o verbo admite flexão de tempo-modo, número-pessoa, como as unidades *baixar a bola*, *passar pano*, *soltar fogos*. Apesar dessa relativa liberdade flexional, convém ressaltar que o sintagma nominal que complementa o verbo dessas mesmas unidades não pode sofrer pronominalização, sob pena de o sentido fraseológico se perder em virtude da incongruência às regras da cristalização lexical, evitando-se, assim, formas do tipo *baixá-la, *passá-lo e *soltá-los.

Outro processo sintático geralmente evitado nas sequências fraseológicas verbais é a passivação, como em “*Essa bola estava cantada*”, estrutura passiva da variante sintagmática mais frequente, com maior grau de cristalização, *cantar a bola*, que significa prever um fato ou acontecimento. Na figura 01, consta o uso da variante menos cristalizada, que se adequa justamente ao contexto discursivo do *tuíte* em foco.

Figura 01 – Cantar a bola



Fonte: *Twitter* (2023).

Observou-se, também, entre as sequências semifixas, a ocorrência de topicalização do sintagma nominal, com expansão do núcleo nominal por modificadores, sem prejuízo do sentido globalmente atribuído à unidade. Assim, de *cair a ficha*, variante

mais conhecida e estruturalmente mais cristalizada, tem-se, por exemplo, *a ficha caiu* ou, mais exatamente, *A ficha [deles também] está caindo*, tal como se verifica na figura 02.

Figura 02 – Cair a ficha.



Fonte: Twitter (2023)

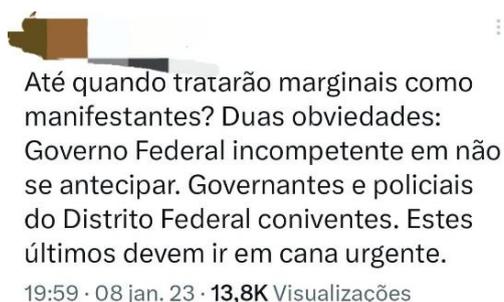
Já no eixo paradigmático, há exemplos que permitem comutação de algum dos componentes, produzindo variantes fraseológicas como *botar ordem* ~ *colocar ordem*.

A fixidez relativa também se expressa em fraseologismos cuja estrutura se adapta ao contexto de uso, sem perder o caráter fraseológico da sequência. Cinco ocorrências ilustram bem essa adaptação: *cabeças [de oficiais da FN e PMDF] vão rolar*, *colocar [o Dep. golpista] no canto [dele]*, *colocar [o verme] no chinelo*, *comer o cu [do Ricardo Barros] com areia* e *[Tua] batata tá assando*. Em todos esses casos, as construções delimitadas por colchetes não integram precisamente a estrutura (semi)cristalizada dos fraseologismos, na forma mais ou menos canônica como o uso geral tende a fixar, pois representam, no eixo sintagmático, combinações decorrentes do uso em contexto marcado, para fins de produção de sentido, mantendo, no entanto, o sentido fixo do fraseologismo. Com efeito, as variantes mais usuais dessas unidades são: *cabeças vão rolar*, *colocar (SN) no canto*, *colocar [SN] no chinelo*, *comer o cu [SP] com areia* e [det.] *batata está assando*.

Em menor número, as sequências totalmente fixas não admitem mudanças estruturais. Na amostra constituída, esse tipo de cristalização pôde ser observado principalmente nos fraseologismos nominais e preposicionados, como *banho de sangue*, *batom na cueca*, *bunda mole*, *faca na bota*, *sangue de barata* e *em cana*.

Em se tratando do aspecto semântico, as unidades coletadas são opacas, apresentando teor figurado e idiomático, comum no uso geral da Língua Portuguesa. Assim, por sua riqueza idiomática e capacidade expressiva, os fraseologismos *caem como uma luva* no discurso político, encaixando-se nos propósitos comunicativos dos internautas face aos temas abordados. Desse modo, entre as pessoas que desaprovam e criminalizam a entrada dos apoiadores bolsonaristas nos prédios simbólicos dos Poderes da República Federativa do Brasil, há inclusive quem aponte a conivência de políticos e da polícia do DF no ato, razão pela qual se pede a prisão dos envolvidos, por meio do uso do fraseologismo *em cana* (Figura 03). Da mesma sorte, imputa-se ao ex-Presidente Bolsonaro a responsabilidade pelo ato, o qual teria agido com covardia ao delegar a seus apoiadores que *fizessem o trabalho sujo* (Figura 04).

Figura 03 – Em cana.



Fonte: Twitter (2023)

Figura 04 – Fazer o trabalho sujo



Fonte: Twitter (2023)

Em desaprovação ao ato em tela, outros internautas cobram posicionamento mais firme do Governo, especialmente, do Presidente Lula e de seu Ministro da Justiça, Flávio Dino, na retomada de controle da situação. Para tanto, recorrem ao uso do fraseologismo *botar ordem* e à sua variante sintática *colocar ordem*, como se vê a seguir:

Figura 05 – Colocar ordem.

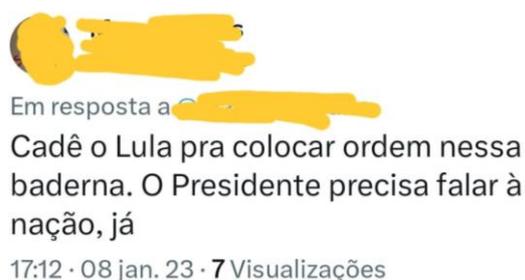
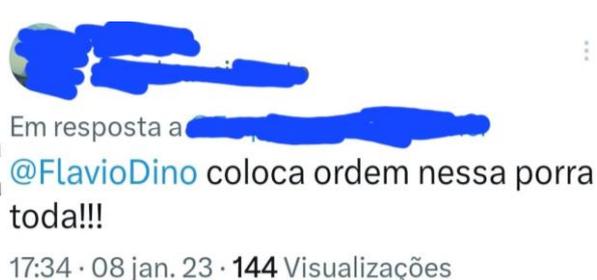


Figura 06 – Colocar ordem.



Fonte: Twitter (2023)

Fonte: Twitter (2023)

Em tom crítico à força policial do governador do DF, Ibaneis Rocha, uma internauta sugere o uso da torcida da Gaviões da Fiel para conter os apoiadores do ex-Presidente, caracterizando-os como terroristas. Nesse contexto, utiliza, então, a variante *botar ordem*, como se vê na Figura 07.

Figura 07 – Botar ordem.



Fonte: Twitter (2023).

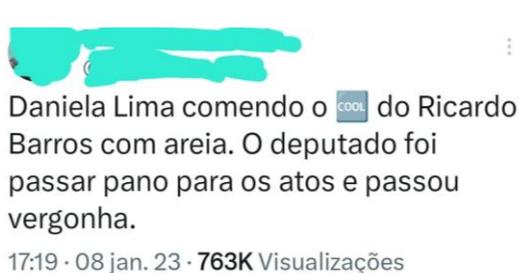
Há, contudo, quem não só apoia o ato de oito de janeiro de 2023, como também o considera legítimo, expressão da vontade do povo insatisfeito com a vitória de Lula nas eleições presidenciais. Nesse grupo, estão parlamentares bolsonaristas como o ex-deputado Ricardo Barros (PP), então líder do governo de Jair Bolsonaro na Câmara Federal, o qual concedeu entrevista para a CNN no referido dia e tentou defender a ação dos apoiadores. Diante disso, recebeu uma resposta firme da apresentadora Daniela Lima, provocando inúmeras reações dos telespectadores e internautas, como se pode observar nas figuras a seguir:

Figura 08 – Passar pano.



Fonte: Twitter (2023)

Figura 09 – Passar vergonha



Fonte: Twitter (2023)

Muito frequente no uso da língua, especialmente no contexto do discurso político veiculado em redes sociais, o fraseologismo *passar pano* significa acobertar ou omitir os erros de alguém. No contexto em foco, o ex-deputado havia tentado inocentar os participantes do ato, justificando que a ação dos eleitores seria uma resposta à falta de confiança na segurança das urnas, mesmo após a própria justiça eleitoral ter demonstrado a lisura do processo. Com isso, o parlamentar minimizou as críticas da oposição. Entretanto, a apresentadora pediu licença e o interrompeu durante a entrevista, lembrando-lhe da gravidade do momento e do discurso que ele defendia, o qual, segundo ela, teria levado as pessoas a agirem daquela forma.

Como observado no tuíte da Figura 09, a reação da apresentadora foi motivo de comemoração de internautas. Em tom jocoso, um dos comentários considera que Daniele teria *comido o cu* [do deputado] *com areia*, isto é, por meio da fala, ela o atacou de forma certeira e o expôs à fragilidade do discurso que ele tentava manter sob os holofotes do programa. Tendo como referência o sexo anal, a unidade em questão demonstra o tom agressivo do ataque, intensificado pela alusão à areia numa região que costuma ser bastante sensível à penetração de qualquer objeto ou pênis, razão pela qual se usa, em geral, lubrificante; a areia, portanto, reforça a violência do ato, metaforicamente associado à intervenção acertada da apresentadora numa situação delicada do contexto político nacional. Devido a isso, outro internauta refere-se à jornalista como *rainha da porra toda*, por ter dominado o debate, pois ela estaria *com sangue nos olhos*, na opinião de outro comentário.

Como se vê, as unidades identificadas na análise são variadas quanto ao sentido e à estrutura, expressando, de modo geral, a produtividade fraseológica no contexto do discurso político em ambiente virtual. Assim, no conjunto da amostra analisada, verifica-se o potencial de uso dos fraseologismos que se adequam aos propósitos discursivos dos internautas, corroborando os resultados de Souza (2018). A natureza (semi)fixa das unidades, apesar de determinadas restrições morfosintáticas, não impede que sejam utilizados como recursos linguísticos e expressivos; muito pelo contrário, sua diversidade estrutural e caráter figurado das sequências tornam-os muito úteis à comunicação no discurso político, atravessado por controvérsias, conflitos e contradições.

Considerações finais

O artigo, situado no contexto mais amplo do discurso político brasileiro, buscou analisar a ocorrência de fraseologismos em Língua Portuguesa em tuítes sobre o ato promovido por apoiadores bolsonaristas no dia oito de janeiro de 2023, que culminou com a ocupação/invasão de monumentos públicos que simbolizam os Poderes da República brasileira, como o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

A análise dos dados demonstrou a seleção de 50 unidades fraseológicas. Em seu aspecto formal, a maioria dos fraseologismos se organiza estruturalmente em sintagmas verbais e constituem sequências com três componentes, havendo, também, sintagmas nominais, preposicionados e orações completas.

Quanto à fixidez e à congruência, os dados são majoritariamente semifixos e congruentes na medida em que se adequam às regras de cristalização lexical e uso pragmático, mantendo o sentido fraseológico socialmente atribuído às unidades.

Do ponto de vista semântico, os resultados revelam que os fraseologismos identificados são opacos e idiomáticos, exigindo leitura não composicional por parte dos falantes/internautas. Por esse motivo, servem como recursos de expressão aos propósitos comunicativos definidos no discurso político.

Embora pequena, a amostra constituída a partir do *Twitter* serviu ao objetivo proposto no artigo, podendo vir a ser alimentada por novos comentários de outros internautas ou contas específicas de jornalistas, políticos com grande repercussão nacional no debate público.

Diante dos resultados, acredita-se que o estudo da fraseologia no discurso político representa um campo fértil para estudos dessa natureza e se reveste de importância para o entendimento de como o debate político se organiza linguisticamente. Com isso, percebe-se a necessidade de outros estudos no âmbito da fraseologia, com dados extraídos das redes sociais ou da oralidade.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Pedro Constantin Tolens. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, SP: Hucitec, 1992.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; SILVA, F. (Org.) **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. 1ª ed. Porto: Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, p.747-757, 2005.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C. Varriali et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARAUDEAU, P. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 251-268.

DORNA, A. Les effets langagiers du discours politique. **Hermès, La Revue**, 1995/2 (n° 16), p. 131-146.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GROSS, G. **Les expressions figées en français**. Noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

MEJRI, S. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. **Revue de linguistique française**, n. 1, 2018.

SOUZA, Davi P. de. **Fraseologismos no discurso político brasileiro**: uma proposta de glossário. 2018. 262f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.